

CIDADES

EDUCAÇÃO

Disputado na década de 60 pela qualidade de ensino, colégio faz 45 anos com problemas na infra-estrutura e aulas apenas na parte da manhã

Sem festa para o Caseb

RACHEL LIBRELON

DA EQUIPE DO CORREIO

Lá se vão 45 anos desde as primeiras lições ensinadas no Caseb, na 909 Sul. Mas a escola pública mais antiga de Brasília faz aniversário nesta semana sem muita festa. A celebração de hoje vai se resumir a uma solenidade no pátio do colégio, onde os estudantes da 5ª à 8ª séries vão cantar o Hino Nacional, o de Brasília e o da escola, depois do segundo horário de aulas. Nada que remeta ao passado do colégio que ensinou o bê-á-bá a homens que, por razões diversas, se tornaram conhecidos no país, como o senador Paulo Octavio e o tricampeão mundial de Fórmula 1 Nelson Piquet.

A estrutura física do colégio projetado para atender a filhos de políticos e poderosos da capital na década de 60 pouco mudou nas quatro décadas e meia. A começar pelo encanamento e rede elétrica que segundo o diretor do colégio, Edmilson Rodrigues, nunca foram trocados. De acordo com ele, os canos ainda são de ferro e muitos fios de energia não são cobertos. "O Caseb quase caiu no esquecimento nesses 45 anos. Não houve muita preocupação em cuidar dele e preservá-lo", afirma. Essa é, inclusive, uma das razões pela qual não haverá festa na escola. O diretor diz que a secretária de Educação, Vandercy de Camargos, foi até lá na terça-feira e garantiu que está prevista uma reforma no prédio para o próximo ano.

Diferentemente dos primeiros tempos, há muito o Caseb não tem atividades em tempo integral.

Edilson Rodrigues/CB



ALUNOS SE REÚNEM COM O DIRETOR EM FRENTE AO SÍMBOLO DA GIRAFA, ESCOLHIDA COMO MASCOTE DA ESCOLA

No ano passado, a escola, que até então funcionava em três turnos, passou a oferecer aulas apenas pela manhã. De acordo com o diretor, a Secretaria de Educação alegou que não havia demanda suficiente para manter os três horários. Com isso, estudantes da tarde foram remanejados para a turma da manhã e os da noite deslocados para a escola da 113 Sul.

"Ninguém discute que o ensino aqui é bom. Mas o prédio está velho, precisando passar por uma reforma", reclama o estudante da 8ª série Tiago Henrique Lima, 17 anos. O rapaz orgulha-se de frequentar a mesma

escola que o pai, morto há pouco mais de um ano. "Ele sempre falava que tinha aprendido muito aqui", diz o garoto. Ex-presidente do grêmio do colégio, o estudante Fábio Magalhães, 16 anos, acha que já está passando da hora de revitalizar a quadra. "É uma pena deixarem uma escola com tanta história aca-

bar assim", lamenta o garoto, que está no Caseb desde a 5ª série.

Uma das preocupações da direção da escola é, sempre no começo do ano, mostrar aos novos alunos um pouco do passado do Caseb. "Entre aqui neste ano e os professores sempre contam um pouco da história. O professor de Educação Física, por exemplo, deu aulas para o Renato Russo", conta com orgulho a aluna da 7ª série.

Ensino revolucionário

Entre os mestres que conhecem bem a história do Caseb está a professora de piano Norma França. Ela foi a primeira a assumir a coordenação de Música na escola. Autora da melodia do Hino de Brasília, ela também criou o hino da escola. Ela conta que ensinou ao hoje senador Paulo Octávio (PFL-DF) as primeiras lições de piano. "Ele era muito bom aluno e também um garoto muito simpático", lembra. O ex-ministro das Comunicações Pimenta da Veiga e a apresentadora de TV Mônica Nóbrega também aprenderam com Norma.

Paulo Octávio estudou no Caseb de 1962 a 1964, da 2ª à 4ª série. "Fiz grande amigos, alguns guardo até hoje. Tive uma ótima base, que foi essencial para a mi-

nha aprovação no vestibular da Universidade de Brasília", recorda. "O Caseb tinha um método de ensino revolucionário. A gente chegava de manhã e ficava até à noite", lembra Pimenta da Veiga, que estudou na escola em 1960 e 1961, quando cursava a 3ª e a 4ª séries. Depois disso, foi para o Elefante Branco.

O nome do Caseb é uma referência à Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília, responsável pela implementação de escolas na nova capital. Às vésperas da inauguração do colégio, correu na cidade um boato de que o mundo iria acabar. Faxineiros e contínuos se recusaram a preparar o local para receber o presidente da República e os alunos. "Tivemos que calçar nossos chinélos de dedo para varrer e lavar o piso, carregar as carteiras e colocar os quadros-negros na parede", lembra Norma.

No primeiro ano de funcionamento, o Caseb contava com 440 alunos e 40 professores. Lá funcionou a primeira academia de judô e de música da cidade. Na década de 70, a escola chegou a ter mais de 2,5 mil estudantes, divididos em três turnos e 173 professores. Hoje são cerca de 900 alunos e 40 educadores.

A HISTÓRIA DA GIRAFA

Ninguém sabe dizer com certeza por que o símbolo do Caseb é uma girafa. Há duas versões para explicar a escolha da mascote da escola, mas nenhuma delas está documentada. A primeira conta que o Zoológico de Brasília não tinha condições de manter uma girafa em sua área e, por isso, deixava o animal em um terreno que ficava nos fundos do colégio. O bicho costumava usar como bebedouro a enorme caixa d'água que abastecia o prédio. A outra versão diz que a referência à girafa surgiu da própria caixa d'água, que, de tão alta, lembrava o bicho pescocudo.